

O CENACULO

Fundadores :

Dario Vellozo,

Silveira Netto, Julio Pernatta,

Antonio Braga

ANNO SEGUNDO

TOMO TERCEIRO

Coritiba

Impressora Paranaense—Rua do Riachoelo N.º 19

1896

INDICE DO TOMO III

	PAGS.
PELOS INDIOS, por Dario Vellozo	5, 42 e 161
TREZ PEREGRINOS, de Edmundo Barros	11
LENDAS SERTANEJAS, por Julio Pernetta	12
EM TORNO DA TERRA, de Rocha Pombo	22
FESTAS DE N. S. DO PILAR, de Romario Martins	31
DR. JUSTINIANO DE MELLO, por Dario Vellozo	33
MISSA ALDEAN, de Leoncio Correia	35
OLHOS VASIOS, por Julio Pernetta	37
ESQUECE, de Antonio Braga	40
Nox, de Elyzéo Montarroyos	41
EXOTISMO, por D. Vellozo, S. Netto, J. Pernetta e A. Braga	49
CREPES, por Dario Vellozo	78
HALLUCINATION, por Jean Itiberé	79
O AMOR, de Elyzéo Montarroyos	81
IRONIAS DA MAGOA, por Julio Pernetta	82
FILHAS DE EVA, de Edmundo Barros	84
JERUZALEM, de Pierre Loti	86 e 124
ADEOS, de Antonio Braga	93
L'ÉTERNEL AMOUR, por Jean Itiberé	94
EXEQUIAS, por Julio Pernetta	94
CARLOS GOMES, por João Itiberé	97
A VIDA, de Antonio Braga	100
PARA O MYSTERIO, por Dario Vellozo	101
O CORVO, de Leconte de Lisle	104
DENTRO DE UM SONHO, por Julio Pernetta	117
CARRO DE BOIS, de Leoncio Correia	120
LES «ESQUIFES», por Jean Itiberé	124
CANTILENAS, por Julio Pernetta	123
IDEAL POSITIVISTA, de Euclides Plaisant	128
CANON, por Dario Vellozo	129
LE DADA, por Jean Itiberé	149
LYRA DE OURO, por Julio Pernetta	152

PSYCHOPATHIAS, pelo Dr. J. Franco Grillo	166
LE SPHINX, por Jean Itiberé	182
EKHIDNA, por Jean Itiberé	183

Respígas :

COM O CENACULO	95, 128 e 188
A' FOZ DO IGUASSU, por Dario Vellozo	157
ALMANACH PARANAENSE, por Dario Vellozo	158
PROMPTUARIO DAS LEIS FEDERAES	187
Ao SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL	187
A ARTE	188

FIM.



julho
1896

fasc. 16º

nº 1
t. 3

PELOS INDIOS!

(Continuação da pag. 153, t.º 2º)

II

O Brazileiro autochton (¹)

1

O problema da origem, ou origens, do homem ainda não foi resolvido. As hypotheses aventadas e discutidas,—já procurando justificar as tradições religiosas dos Hebreos, já acryzolando o espirito de independencia e revolta dos partidarios do polygenismo,—se bem que tenham aberto à Scienza numerosos trâmites e elevado os estudos a importantes descobertas e resultados inestimaveis,—não apresentam, comtudo, solução definitiva, apesar das arduas investigações da ANTHROPOLOGIA, da ETHNOLOGIA e da LINGUISTICA. Dahi, a impossibilidade de concluir pela existencia do americano autochton, removendo todos os obstaculos erguidos pelo monogenismo energumeno e exigente, mao grado a inverosimilhança de muitas de suas argumentações.

Começa a divergencia de opiniões com o estabelecer da epocha, mais ou menos longinqua, do apparecimento do homem no planeta. Alguns scientistas ha que constatam a existencia do homem, desde a *epocha terciaria*; outros, porem, negam essa hypothese, ou facto, admittindo apenas, então, a existencia de um sér,—ponto de transição do anthropoide para o homem, e que deve fatalmente jazer alhures, preenchendo a lacuna existente na serie animal, entre os irracionaes e o sér pensante. A esse typo, ainda não encontrado, deo Mortillet o nome de *anthropopithecus*. (2)

(1) Explica o grande numero de citações que se encontram neste artigo, e se encontrarão nos subsequentes, o dever que tenho de escudar vantajosamente as CONCLUSÕES a que pretendo chegar ao finalizar a serie, quiçá demonstrando a veracidade de minhas palavras. Em assumptos, como este, raramente trazidos a nosso círculo de ação, creio, não será superfluo o testemunho daquelles que teem sido gloria e orgulho da Scienza moderna.

(2) Veja-se: G. Mortillet,—*O Prehistoric*, 1885.

Entre os apologistas do homem terciario C. Claus assim se exprime :

« A respeito da origem do Homem e dos primeiros tempos de sua existencia reina obscuridade completa ; pode-se, entretanto, afirmar que as investigações geologicas e archeologicas refutaram a opinião segundo a qual elle existiria apenas sobre a terra ha poucos millenios. (3) A presença simultanea de ossadas humanas (craneos de *Engis* e de *Neanderthal*) e instrumentos fabricados de pedra, com as ossadas de animaes extintos do periodo diluviano (*Mammuth*, *Rhinoceros tichorhinus*), veio ainda provar a remota antiguidade da especie humana. (4) E' certo pois que o Homem existia já na *epocha pliocene*, e talvez mesmo desde começo do periodo terciario.» (5)

Quatrefages tambem acceita o *homem terciario*, como se deprehende das seguintes palavras :

«...A descoberta de M. Ragazzoni pôz-nos de posse dos restos do proprio homem terciario.» (6)

Camillo Flammarion, expondo os resultados desses estudos, em 1886, declara :

«Segundo os ultimos testemunhos, aos quaes seria facil reunir grande copia de outros, parece, deveriamos estar autorizados a admittir tambem a existencia do homem terciario *miocene*. Entretanto, cremos, os documentos não bastam ainda para tal affirmação. Quatrefages e Hamy admittem que os silex de Thenay tenham sido talhados pelo *homem*. Bourgeois, Gaudry e Mortillet pensam que taes silex o foram por *macacos*. Nesta hypótese, o precursor do homem seria o *dryopitheco* ou qualquer *anthropomorpho* desse genero. As opiniões, porem, continuam contraditorias e resta dicidir se taes silex são ou não *talhados*.» (7)

Eis as conclusões a que chegou Mortillet, em seo bello estudo sobre o *Prehistoric*, discordando inteiramente da opinião de Claus e Quatrefages :

(3) Como é sabido, os cōripheos da *sciencia orthodoxa* affirmam, ainda hoje, que o Homem existe ha cerca de seis mil annos somente !... Que será do estudo das *SCIENCIAS-NATURAES*, entregue a esses apostolos das tradições *mythologicas* ?!...

(4) O craneo da *Lagôa sancta*, encontrado por Lund nas cavernas dos sertões de Minas-Geraes, prova eloquentemente,—como veremos,—a existencia do homem no Brazil em tempos tão longinquos como no antigo continente.

Este facto,—comprovando o apparecimento do homem americano,—quando ainda não havia razão de ser das migrações das tribus primitivas,—é mais um argumento convicente em favor da these dos polygenistas.

(5) C. Claus,—*Tratado de Zoologia*, 1884.

(6) A. de Quatrefages,—*Introdução ao estudo das raças humanas*, 1º v., 1887.

(7) Camillo Flammarion,—*O mundo antes da criação do homem*, 1886.

«Durante o terciario existio um sér bastante intelligent para fazer fogo e fabricar instrumentos de pedra.

«Este sér não é ainda o homem. Era um precursor delle, uma forma ancestral, á qual dei o nome de *anthropopitheco*.

«O homem appareceu, na Europa, em o principio do quartenario. Ha, pelo menos, 230.000 a 240.000 annos.

«O homem quaternario, essencialmente pescador e sobre-tudo caçador, não conhecia a agricultura nem mesmo a domesticação dos animaes.

«Vivia em paz, de todo baldo de ideas religiosas » (8)

As opiniões de Claus e Mortillet são por demais sufficientes para nos dar idea do estado em que se acha a discussão. E' pois, desnecessario multiplicar testemunhos. Em geral, os monogenistas aceitam o homem terciario, cuja existencia é negada pelos partidarios do polygenismo. Parece-me, entretanto, o resolver desse problema, ha tanto debatido, não encerraria a discussão entre monogenistas e polygenistas, — porquanto não ficaria provada a origem *commum* da especie humana.

Para se demonstrar a unidade, ou pluralidade, das origens humanas, seria preciso conhecer antecedentemente as circunstancias do apparecimento do primeiro, ou primeiros homens, — quer segundo as theorias de Darwin, (9) quer segundo as de Snider ; (10) seria preciso saber como se desenvolveo o embrião humano ; em que condições mesologicas ; se um só, ou se diversos pontos do planeta sofreram accões climatologicas favoraveis á eclosão dos germens que se achavam em a natureza num estado latente ; etc. etc.

«O GENERO humano se compõe de uma ou de muitas especies ? » perguntava Darwin. E proseguia :

«Eis uma questão que os anthropologos teem vivamente discutido durante estes ultimos annos, e, na impossibilidade de chegar a um acordo, dividiram-se em duas escholas : monogenista e polygenista... A tentativa, porem, será inutil em quanto geralmente se não tiver aceitado qualquer definição, do termo *especie*, definição que não deve conter elemento indetermi-

(8) G. Mortillet,—Obr. cit.

As ultimas conclusões a que chega o auctor do *Prehistoric*, vêm em apoio da opinião dos que suppõem os TAPUÍAS não decadentes, porem na aurora da civilização. Eram, como o homem quartenario da Europa, pescadores e caçadores ; não possuam animaes domesticos e não tinham *ideas religiosas*. Algumas tribus plantavam a mandioca e o milho ;—essas, porem, supponho, eram TUPIS,—nação conquistadora, dotada de alguma cultura.

(9) Veja-se : Darwin,—*Descendencia do homem*, ed. de 1881.

(10) Veja-se : Snider,—*A Creação e os seus misterios, desvendados*.

nado como um acto de criação. E' como se se quizesse, antes de qualquer definição, decidir que certo grupo de casas se chamassem aldea, villa ou cidade.» (11)

Tal o opinar de Darwin. Apezar da reserva com que se pronuncia o illustre escriptor inglez, o sr. de Quatrefages o declara monogenista. (12) Se nos lembrarmos, porem, de que o autor da *Descendencia do homem* acceita e emprega os vocabulos — *GENERO HUMANO*; — se soubermos que um «*GENERO* é constituído pela reunião de *muitas especies analogas*», (13) — temos, apezar das conclusões de Quatrefages, que o proprio Darwin se inclinava a favor da pluralidade das *especies humanas*.

Assim pensava Broca :

«O grupo humano constitue bem evidentemente um *GENERO*; se contivesse uma só *especie*, seria excepção unica em a criação. As raças humanas differem mais entre si que certas espécies animaes admittidas em certos generos, por todos os naturalistas.» (14)

Para Quatrefages, porem, «a especie é a reunião dos individuos, mais ou menos semelhantes entre si, que descendem, ou podem ser olhados como vindos de um par primitivo unico, por uma successão ininterrompida e natural de familias.» (15)

Falta-me competencia para enfrentar o anthropologo francês; ao que peze, entretanto, ao illustre scientista, — resalta de suas palavras a preocupação latente de justificar a tradição hebraica. E não me animaria, quiçá, a discordar do dizer do chefe da escola monogenista, em França, se não pudesse escutar minha afirmativa nas seguintes palavras de Topinard :

«A doutrina monogenista entrou realmente em nossa civilização europea com as tradições hebraicas, reunidas por Esdras, depois do captiveiro de Babylonia, e primitivamente de fonte chaldaica.

«Os povos teem, como os individuos, tendência a referir tudo a si, desprezando por insignificante a terra que lhes não pertence e os povos que não gravitam em sua orbita. Em parte alguma tal defeito foi tão accentuado, não ingenua, mas systematicamente, como entre os povos chanaeenses (*chananéens*) e, para generalizar, entre os povos semitas. Cada qual tinha

(11) C. Darwin,—Obr. cit.

(12) Veja-se: Quatrefages,—Obr. cit.

(13) J. Langlebert,—*Historia Natural*.

(14) Paulo Topinard,—*Elementos de Anthropologia geral*, 1885.

(15) Quatrefages,—Obr. cit.

ahi seo Deos proprio, pessoal, inimigo de tudo que se lhe não referia ou a seos alliedos.» (16)

Em Fauvelle, encontro mais uma justificativa ás minhas palavras:

«A existencia de um só casal, como ponto de partida de uma especie qualquer, não foi nunca demonstrada; e os sabios que a temi admittido para o Homem, partiram de preconcebida idea que os arrastou para fora do tramite da verdadeira sciencia...

«São as conjecturas philosophico-religiosas a origem da idea de um casal humano primitivo, e seos partidarios, naturalmente, os adversarios declarados do transformismo.» (17)

Abel Hovelacque (18) corrobora a opinião de Fauvelle.

O proprio Darwin assim se exprime :

«Um naturalista poderia se sentir sufficientemente autorizado a olhar as raças humanas como especies distinctas, porque poderia ter constatado entre ellas muitas diferenças de conformação e de constituição, algumas das quaes de alta importancia, diferenças que teem ficado quasi constantes durante longos periodos. Demais a enorme extensão do genero humano não deixa de constituir serio argumento, porque tal extensão seria grande anomalia na classe dos mamiferos, se o genero humano reprezentasse uma só especie.» (19)

E ahi temos Darwin concordando com o professor Paulo Broca. (20)

Nada resolvido completa e definitivamente. De um lado, o espirito religioso dos monogenistas, mystificando por vezes a verdade dos factos, partindo de falso principio indemonstravel, desviando-se nas tortuosidades de raciocinios estereis, fora das orbitas logicamente delineadas pelo estudo comparativo dos phenomenos e pesquisas sujeitas á observação e á analyse ; de outro, a reacção energica e nobilissima dos verdadeiros *pionniers* da Sciencia, luctando contra os preconceitos, contra a hypocrisia dos jesuitas do saber humano, contra o desamor á Verdade,

(16) Topinard,—Obr. cit.

(17) Fauvelle,—*Physico-Chimica*, 1889.

(18) Veja-se : A. Hovelacque,—*O Homem primitivo contemporaneo, e Linguistica*.

(19) Darwin,—Obr. cit.

(20) O OCCULTISMO, em suas tradições remotissimas, revigoradas ultimamente pela moderna eschola franceza de estudos esothericos, conclue tambem pela pluralidade das especies humanas :

«Uma das diferenças entre as tradições do Occultismo e as doutrinas contemporaneas,» —diz Papus,—«é a idea de que a humanidade terrestre não nasceu toda ao mesmo tempo e em um só ponto, o que torna impossivel a diversidade das cores.

«Segundo o Occultismo, cada continente desenvolve, como, em o mundo, cada planeta, seos mineraes, vegetaes e animaes, o todo coroado por uma raça humana particular.»—Papus,—*Sciencia Occulta*.

repellidos pela ignorancia que não quer comprehendere, martyres da causa da Humanidade, avançando passo a passo, de sacrificio em sacrificio. Comtudo, o polygenismo vae ganhando terreno, a tradição vae cedendo á verdade dos factos.

Querer adaptar a Scienza á Religião,—como o teem pretendido fazer alguns pensadores,—talvez mal interpretando as theorias de Spencer, quando, em seos *Primeiros Princípios*, demonstra a necessidade de se consorciarem uma à outra, afim de terminar a discordia entre ambas, e poder aquella proseguir vitoriosamente, e esta conservar as crenças e ideaes,—é, a meu ver, desvirtuar deslealmente o pensamento do eminentíssimo philosofo contemporaneo. Quer Spencer caminhem de mãos dadas a Religião e a Scienza; mas, é logico e indiscutivel, sem que esta violente e falseie a verdade dos factos comprovados, para melhor se amoldar á letra dos dogmas daquella.

A tradição tem de ceder á analyse, e o mytho á critica. O contrario seria irrisorio e inaceitavel.

Assim, enquanto o preconceito religioso não ceder á verdade scientifica, o problema da unidade, ou pluralidade das origens do homem não será resolvido. (21)

Junho,—1896.

DARIO VELLOZO.



(21) A conclusão do presente artigo será publicada em o fasciculo seguinte.

TREZ PEREGRINOS

A Silveira Netto

A' montanha do Ideal
Subiam, sem temor e sem perigo,
Trez peregrinos, — cada qual
Dos outros dous um verdadeiro amigo:

Um se chamava AMOR;
Outro RAZÃO, sem quem nemhum subia,
E, emfim, o terceiro audaz viajor
Era EU, — nomes que dá a philosophia.

Enviados por mim,
Se um queria, um sentia, o outro pensava
E lá os deixei, marchando assim,
Escarpa acima, enquanto o sol montava.

Mas um segundo sol,
Queimando a rocha alcantilada e extensa
Da ingreme fenda em caracol,
Bem a pino raiou ; era a Descrença

Debandada cruel !
De um vesuvio, lá em cima, altos fragores
Se ouvem as lavas, em tropel,
Rolam, fervendo e ah ! miseros viajores :

AMOR, correo atraç;
RAZÃO subio, subio vae descambando ;
Tu só, triste EU ! tu, só, irás
Na escarpa, — ora descendo, ora avançando

EDMUNDO BARROS

LENTA SERTANEJA

I

A' minha mulher.

O cemiterio da freguezia dos Tócos, onde os poucos tumulos que existem estão quasi encobertos pela exuberante vegetação que brota da terra fecunda, está completamente abandonado, por causa da superstição do povo.

Situado no ponto mais culminante da *Coxilha grande*, é doloroso vel-o com a sua cerca de ripas, esburacada pelas aspas do gado, alli *acarenciado*, e sempre em constante escaramuça.

Contou-me o tio João Luiz, um dos mais antigos habitantes da freguesia, a historia de um pobre suicida, que já passou a categoria de lenda.

O Pedro da Cruz, rapaz cheio de vida e de mocidade, muito creança ainda revelou energica propensão para os livros. O pae, um velho caboclo rustico, mas estremosissimo pela familia, consultou a um seo compadre e amigo, e rezolveo mandar o pequeno para a villa, frequentar a eschola do velho Vadò.

Uma bella manhan de sol, o Pedro, de embornal a tiracollo, tamancos novos nos pés, recebera a benção dos velhos paes e o abraço dos irmãos, e se fôra para a villa, em companhia de um tropeiro, que ia levar uma carregação de *congonha*, para o José Galdino. A's vezes, pelo caminho, choramingava, queria retroceder, começava de sentir a ausencia da casa paterna, que se ia ficando, ficando, quasi a perder de vista.

Sentia instinctivamente a tristeza que soffreria nos primeiros dias, só, completamente desconhecido, entre o povo da villa, sem um camarada com o qual podesse ir ás arvores buscar os ninhos dos passarinhos.

Chorava. Depois volvia os olhos, injectados de sangue, para o tropeiro, como implorando um carinho, uma palavra de consolação ao menos.

Nada. O seo companheiro, vergado sobre o lombo de um burro ruano, a perna esquerda descancada sobre a cabeça do serigote, assoviava o *quero mana*, n'uma impassibilidade de inquisidor.

No meio daquella floresta immensa, via-se a estrada, n'uma extensão monotonía, se prolongando n'uma recta interminável, como um vigoroso traço pardo entre o verde da folhagem.

Quebrava o silencio mortuário da natureza esplendida, formando uma orchestra extravagante, o assovio do tropeiro, o guizalhar do sincerro da égoa *madrinha*, cavalgada por um *pihá*, e o gemido surdo dos burros encangalhados.

O Pedro encontrou nas lagrimas lenitivo sincero para a sua grande tristeza de filho que se auzenta do lar. Assoou o nariz, apertando-o entre o index e o pollegar, e começou a comer, resguardadamente, uns pinhões que sua mãe lhe pozera no bolço, antes da partida.

—«E' lá que nós imo, disse o *tropeiro* apontando com o cabo do *arreador*, a villa que branquejava no alto de uma collina.

O Pedro baixou a mão que ia levar o pinhão á bocca :

—«E' lá ? Quantas legoas terá da villa ao nosso sitio ?»

—«E' pertinho ; umas quatro legoas.»

E o *tropeiro* continuou a assoviar. O Pedro quiz lhe fazer mais algumas perguntas, porém as lagrimas lhe embargaram a voz.

—«Não chore, menino, que nós já *chegamo* ; é alli. E continuou de apontar com o cabo do *arreador*.

Quando chegaram á villa, o Pedro estava com os olhos inflamados de tanto chorar.

Nho Vadò, velho amigo do pae de Pedro, recebeo-o satisfeito, conduzindo-o para o interior da casa, e o recommendando á mulher :

—«Olha, Josepha, este menino é filho do Tico, a quem devemos muitas obrigações. Vem ficar aqui para aprender, não é, meo filho ?»

—«E', nhor sim.»

E, acariciando a cabeça do Pedro, consolava-o, dizendo que logo voltaria com a mamãe.

II

No dia seguinte, em companhia de um filho do velho Vadò, o Pedro vizitava a villa, cheio de curiosidade, olhando para todas as casas, sem conhecer ninguem ; procurava distrahir a sua tristeza ; mas qual, a freguezia, o *rancho* paterno, passavam-lhe pelos olhos da imaginação : via seos irmãos brincando, no terreiro da mangueira, com os terneiros ; sua mãe debulhando feijão, sentada junto á porta que dava para o quintal, e seo pae

revolvendo a terra para a nova plantação. E as lagrimas chegaram a humedecer-lhe os olhos.

— «Aqui é o monjolo de papae, vamos ver, estão fazendo farinha» disse o filho de nho Vadò ao Pedro.

— «Não, eu quero ir pra casa.»

— «Então não quer passear mais?»

— «Nhor não, eu quero ir pra casa.»

E se foram.

Na mesa, quando jantavam, o velho Vadò perguntou ao Pedro se gostava da villa, se já estava acostumado, se tinha passado muito, ao que elle ia respondendo negativamente.

— «Olhe que já comprei a carta de A BC, para amanhã começarmos a estudar; é preciso aprender logo, para voltar com o papae.»

O Pedro pouco comera; passara quasi todo o jantar debruçado sobre a mesa, chorando.

A tarde, fora ajudar a *campear* os terneiros que deviam ficar em mangueirados.

Quando voltou, a escumilha da noite estrellejada começava de desenrolar-se sobre a villa.

Sentado junto ao fogo, o Pedro escutava as historias que a mulher de nho Vadò contava, de um moço que fôra para a guerra, e casara com a princeza encantada.

As creanças macetavam pinhão para uma velhinha, acocorada a um canto; já não tinha mais dentes, mas os tivera e muito bons; a velhice robou-lhos.

— «A velhice é o diabo.» dizia ella, suspirando n'um desconsolo de vencida. «No meu tempo, é que se sabia contar historias bonitas... oh! no meu tempo! quem me dera ser moça outra vez...»

Nho Vadò chegava n'essa occasião cantarolando :

«Nha França, nha Francelina,
Nha França de lá de fóra,
Se mece não vem p'ra dentro,
Eu tambem ja vou-me embora.»

«Canta o gallo, o passarinho
La no matto está cantando,
Triste, dentro do meu peito,
O coração está chorando.»

E, sentando-se, pedio que lhe trouxessem a viola.

O Pedro, quando vio as cordas de arame do instrumento estremecerem trinando, sentio um calafrio de saudade electrizar-lhe a alma com profundos choques de recordações.

Era a casa de seo pae que de novo passava pelos olhos de sua alma ; era a saudade de sua mãe; eram os seos irmãos que n'aquella hora cochilavam, talvez, junto ao fogo, emquanto seo pae recordava a historia de uma peste, que, ha muitos annos, aparecera na freguezia, devastando muita gente. Fòra preciso tirar S. *Sebastião* do oratorio de nho Chico capellão, para que se acabasse a doençada.

E o velho Vadò continuava a tocar e a cantar. Todos o escutavam silenciosos.

A velhinha, com o olhar cavo, onde se manifestava uma indifferença apparente por tudo, o rosto apoiado sobre a mão esqueletica, fitava o fogo, acompanhando á meia voz o canto de nho Vadò.

Lembrava-se da sua mocidade, dos fandangos e das *resas*. Tempo bom, em que os moços viviam loucos por ella !...

Reconstruia o templo em ruinas de seo passado, todas as suas paixões, o seo casamento... trez dias de festa... a morte de seo marido...

Ja tinham enterrado o fogo na cinza, e a velhinha, ainda permanecia alli, sentindo o pezadello de tão dolorosas recordações, espezinhar-lhe a alma vasia de esperanças e cheia de saudade.

III

Um anno depois, por uma manhan fria de hinverno, o Pedro regressava á casa paterna. Apprendera o necessario para ser eleitor, e mesmo deputado estadoal.

Aquella estrada que se perdia de vista, n'uma recta immensa, por onde elle passara, chorando as saudades de casa, sem uma palavra de consolação ao menos, parecia-lhe agora alegre; em vez do assovio monotonio do *tropeiro* que o acompanhara, tinha a muzica estridula dos bandos alacres de passaros que pareciam saudal-o. As arvores, outr'ora tão quietas, na sua passagem, agora ramejavam rouquejando querulos soluços surdos.

Estava proximo de casa, avistava já o *pinheiro velho*, com um capuz branco de neve, como o spectro de um monge secular.

E o seo coração, á proporção que se approximava, se ia comprimindo, entristecendo, como se presagiasse alguma desgraça.

Chegou, emfim. Bimbalharam os sinos da alegria ; o pae o abraçara reprehendendo-o meigamente por não lhe ter avisado que vinha; a mãe, essa, coitada, beijava-o, procurava advinhar nos olhos do filho, o que talvez os labios não podessem dizer ; os irmãos acercavam-se d'elle, queriam falar-lhe e não sabiam como começar, tinham como que perdido a familiaridade ; o *Tigre*, velho cão de casa, gania, sacudindo a cauda, lambendo a mão de Pedro.

Quando a freguesia soube que chegara o filho do Tico, correu pressurosa, para vel-o ; todos o queriam muito.

Era bom menino, muito respeitador.

A' noite, entre a familia, em derredor do fogo, o Pedro contava a sua vida na villa. Fôra bem tratado pela familia de nho Vadô. Já sabia ler e escrever, trouxera um livro de historias que leria no dia seguinte, para seos paes verem como elle sabia bem.

Os irmãos escutavam-n'o; a mãe sorria, n'um embevecimento feliz.

Agora, queria aprender a tocar viola ; gostava muito, ouvira nho Vadô tocar e cantar todas as noites, e já sabia um pouco.

— «Isso o Josézinho do *arto* pode te ensinar. Eu aprendi a tocar viola quando tinha a tua edade, 16 annos mais ou menos; hoje já não sei mais, ha tanto tempo tambem que deixei. Depois que me casei com tua mãe, na egreja da villa, só voltei lá seis ou oito vezes, e isso mesmo por muita *perrisão*. A viola, isso nem se fala, nunca mais toquei. E já lá se ~~rae uns~~ dezoito annos.»

O serão prolongou-se até alta noite.

IV

— «Pedro, venha ca; eu sou teo pae; você tem obrigação de ouvir os meos conselhos. O coroné Bentinho, da fazenda, veio me avisá que você anda *pessuido* pela *fia* d'elle, que anda *sudzindo* ella, que a moça anda com a cabeça variada. Honte de noite um camarada da fazenda, na occasião que voltava do *cárijo*, viu você *combercando* na cerca do *quintar* com ella; quiz atirar pensando que era *lobishome*. Isso não está bem, você sabe que o coroné é rico, e é o chefe de *infruencia* d'aqui. Isso não *stá* bom, Pedro; isso não *stá* bom.»

O Pedro que ouvira de seo pae a revelação de um segredo que elle julgava unicamente seo e da Ditinha, não tivera a principio uma unica palavra de defeza.

Depois, como que suggestionado por uma idea, perguntou ex-abrupto a seo pae :

— «Mas, é crime a gente querer bem; a moça gosta de mim, eu gosto d'ella, e porque sou pobre, sou pior que os outros ? ! O coronel era, tambem, muito pobre, quando cazou com nha Clara, que era uma moça rica, e hoje não está vivendo feliz ? Porque, então, eu não poderei cazar com a Ditinha, que me estima tanto, quanto estimo ella. Eu não quero o dinheiro do coronel, quero a filha, só ella. Isso não tem geito.»

— «Mas, escuta Pedro, o coroné não qué o casamento; elle tem lá as suas razões; porque você não procura outra moça, pois ai tantas aqui na freguezia ? »

— «A não me casar com a Ditinha, meo pae, não me caso com mais nem huma.»

O Pedro soluçava, debruçado sobre a meza do oratorio. Sua mãe se erguera chorando, para o interior da casa; e o pobre pae olhava o filho, maldizendo intimamente o destino que o fizera pobre. E essa revolta era a nobreza da sua grande alma se manifestando no olhar ennevoado de lagrimas. Ergueo-se, e, junto do filho, acariciando-lhe a cabeça, como faria a uma creançá, pedio-lhe, supplicou-lhe que, para descânço da sua velhice, para tranquillidade da sua pobre mãe, tão doentia e tão triste, desistisse d'esse casamento. Haveria de ser feliz; procurasse esquecer essa moça; que, embora ella o amasse, do que elle não duvidava, era comtudo impossivel essa união.

Por fim, Pedro, levantando a cabeça, fitou no velho pae um olhar profundo e expressivo, e disse-lhe unicamente :

— «Cumpra-se a sua vontade.»

—

Sentado na soleira da porta do quintal, fitando as estrellas que tremeluziam no velludo azul do firmamento, Pedro fazia a viola gemer, como se fóra a sua propria alma; e o canto evolava-se dos seos labios, n'um ciciar de prece e subia para o velludo azul do firmamento, onde as estrellas tremeluziam n'uma impassibilidade inconsciente de astro:

«A saudade é o sofrimento
Que mais nos faz padecer,
E, quem não sentio saudade,
Nunca soube o que é viver.»

«Longe do bem que adoramos,
Que martyrio esta saudade !
Como ella grita e se estorce,
Que grande infelicidade !»

E, por muito tempo, as cordas da viola resoaram como tenues suspiros tremulos e prolongados.

E, Pedro, cheio de indecisão e de duvida, continuava fitando as estrellas, que piscavam as palpebras de prata, n'uma ironia terrificante e cobarde. A imagem da Ditinha passava no cortejo macabro das suas meditações, seguida do olhar severo do coronel. Elle a via soffrer muito, a alma espinhada pelas rispidas palavras da familia, e, no meio dessa tortura immensa, falava ao silencio da noite, como se as suas palavras podessem chegar aos ouvidos de sua amada.

— «Não podes cazar commigo, teo pae não quer ; és rica e eu pobre. Cumpra-se a vontade...»

E deixou cahir sobre o peito a fronte desalentada pelo suppicio atroz das conjecturas.

V

Succederam-se os dias sem que Pedro falasse mais na Ditinha...

A esperança illuminara a physionomia do velho Tico, com a certeza de que seo filho abandonara aquelle amor, tão cheio de contrariedades.

Pedro, taciturno, cadaverizado por tão austeras provações, vagava por entre a familia, sem dirigir-lhe palavra. Já não era o mesmo; a flor de cera de seos labios nunca mais se desabrochava n'um sorriso.

Ia para a roça, não com a mesma alegria de outr'ora ; mas porque só alli encontrava, na solidão deserta do deserto, a paz de que sua alma tanto carecia.

A Ditinha soube, por uma preta velha que a creara, que Pedro definhava, consumido pela febre surda de paixão devoradora. Não sabia o que fazer ; soffria tambem muito ; a cabeça latejava-lhe continuamente; ha muitos dias não sabia o que era pôr *comida de sal na bocca*. Queria fugir, queria vel-o, porém como, se andava vigiada ? !

A mãe não a deixava um instante só, o irmão promettera surral-a pela menor cousa que soubesse.

E com as mãos nervosas começava de descabellar-se, e atirava se para cima do leito n'uma epilepsia de gemidos, que pareciam soluços abafados.

O Pedro, na roça, sentado á sombra de copado pinheiro, afastado do *paiol*, onde o caseiro encangalhava os burros, para levar a carregação de feijão para a villa, afagava com os dedos tremulos os dous canos de velha pistola, sua companheira de ha muito.

Subito a detonação de um tiro echoou pelo silencio das matas, e, com ella, a queda surda de um corpo que tombava

E nada mais.

VI

A's onze horas da noite, de volta de um terço, quando se approximavam do cemiterio, o coronel Bentinho e a familia viram uma luz que passeiava conduzida por mão invisivel, por entre os tumulos. Persignaram-se e continuaram o caminho.

Pelos olhos de Ditinha passara o corpo ensanguentado de um homem.

—«Tem gente rezando no *cemiterio*,» disse o coronel, estatelando.

—«E' alguem que está cumprindo promessa, returquio sua mulher, fazendo um esforço, para que não notassem o tremor de sua voz.

—«Vamos, não ha de ser nada, se Deos quizer e a virgem santissima.»

E o canto que, a principio, o coronel e a familia ouviram vago e imperceptivel, foi-se corporizando aos seos ouvidos, aguçados de susto. Ditinha distinguia as palavras, a voz lhe era muito conhecida; as syllabas, a principio mastigadas, agora eram claras e plangentes:

«A saudade é o soffrimento.»

—«Ah ! me acudam...»

E o corpo de Ditinha tombou inerte.

—«Minha filha... minha filha...»

Com muita dificuldade conduziram-na á casa mais proxima.

Durante o trajecto, ella se foi reanimando, distendendo os membros entorpecidos, e, como se despertasse de um sonho, ergueo a cabeça, e tornou a occultal-a, medrosa.

Deitaram-na, friccionaram-lhe o corpo com vinagre, colocaram-lhe o vidro nas narinas para que ella o aspirasse. Tinha os olhos cerrados, a respiração ás vezes ofegante, outras vezes appressada.

Passaram a noite em claro.

No dia seguinte, mandaram um proprio á fazenda, buscar o carro.

Ditinha continuava no mesmo estado; os olhos não se tinham descerrado ainda.

Levaram-na para a fazenda, mandaram vir o *curandeiro* ;

nada ! A molestia não cedia uma linha á *therapeutica* da roça.

Cançada da vigilia, a familia do coronel, fôra passar por um somno, e deixara a preta velha, que creara Ditinha, guardando-a. La por uma certa hora da noite, as palpebras cançadas da tia velha começaram a piscar, a piscar, até que se cerraram de vez. Dormia, seguindo o exemplo dos brancos.

De madrugada, o povo da fazenda despertou com a muzica de um canto, profundamente triste. Era Ditinha que, sentada no leito, olhos abertos, psalmodeava um canto desconnexo.

Chamaram-na, fitava em todos um olhar idiota, cantando sempre.

O *curandeiro* approximou-se, quiz examinal-a ; repellio-o, erguendo a mão á altura da cabeça. E, desfelpando o cobertor, anciosa, falava em sangue... e mergulhava a cabeça por entre os travesseiros. Não ha duvida, disse o coronel : —«Minha filha, está louca.»

A noticia do facto do cemiterio e a da loucura da filha do coronel Bentinho, andava de bocca em bocca, assombrando a freguezia dos Tócos.

Ninguem se animava a passar mais alli pelo cemiterio, fora de horas; e os que passavam, d'essa data em diante, viam mover-se por entre os tumulos uma luz, como se fôra fogo fatuo, e ouviam um canto plangente como o trinado profundamente emocionador da viola.

Só depois do retardatario ter accendido uma vela e a erguido á altura da cabeça, é que a luz do cemiterio desapparecia e o canto cessava.

E essa apparição, que é attribuida pela crença popular ao suicida, faz hoje parte do grande almanack das supersticoes do povo da freguezia dos Tócos.

VII

Ditinha, completamente louca, levava os dias vagando por um capão que fica nas immediações do cemiterio mal assombrado.

Um pedaço de baeta, que a caridade publica lhe atirara aos hombros, n'um dia de bom humor, encobria-lhe a nudêz do corpo virgem.

Poucos os viajantes que, por alli passando, não estacassem o animal, ante a figura andrajosa da melancholica louca, que com a mão estendida supplicava :

—SENHOR, UMA ESMOLA PRAS ALMAS.

E, imediatamente, fugia, entranhando-se pelo capão.

Até bem pouco tempo, dizia-me o velho João Luiz, com lagrimas nos olhos e piedade na fala, até bem pouco tempo, essa pobre creatura, foragida da felicidade, devassava o *Capão das Amoras*, hoje conhecido por *Capão da louca*, percorrendo o dia e noite, enchendo-o de lagrimas e de soluços.

E, hoje, uma cruz plantada á beira da estrada, recorda ao viajante, que por alli passa, a historia da pobre louca. Cruz modesta, de cujo centro pende suspensa uma caixa negra, onde se lê esta inscripção, em letras brancas :

UMA ESMOLA PRAS ALMAS.

Coritiba—1896.

JULIO PERNETTA



EM TORNO DA TERRA

O seculo ia morrer... sim, porque os seculos morrem tambem, e morrem fatalmente... Às vezes, agitados, epilepticos, como o seculo xv; ás vezes, opulentos de vida como o seculo xvi, e ás vezes, como o xviii, pungidos de todos os delirios da philosophia e da fé. O nosso, o chamado grande seculo, ia morrer de um estranho mal, de uma enfermidade sublime, especie de hysteria do pensamento. A cohaustão moral apprèssava-lhe a agonia.

E como os filhos dos seculos mostram-se sempre desamorosos e ingratos, havia em volta do leito em que o moribundo agonisa, solenne e insubmisso como os Tritões antigos, um susurro profundo e quasi expansivo. Os filhos do velho seculo despedem-se d'elle transidos de uma impia alegria mysteriosa e tendo a alma cheia do seculo novo, que lhe traz o desconhecido e a esperança.

Em todos os Continentes, uma unica idea abalava o immenso coração da familia humana: de que modo expressivo, com que festas condignas a nova éra seria recebida? O alvoroco universal crescia, ao passo que se approximava a epocha do extraordinario evento. Por toda parte, os governos, os homens da arte e da sciencia, as associações, a imprensa, os povos de todos os mundos viviam palpitantes, tremulos da emoção que lhes produzia essa idea de saudar de maneira significativa o seculo que ia assumir todas as heranças do genio humano.

Na capital do mundo, no coração da augusta França — como a patria eleita de todas as raças — tinham-se reunido sabios e artistas dos trez Continentes, formando uma especie de areopago universal, incumbido de organizar o programma e de dirigir aquelle estupendo concerto das nações. Numerosos projectos foram apresentados, e o povo de Paris, quer dizer os povos da terra, acompanhava com impaciencia e anciedade nunca vistas os trabalhos d'aquele Congresso, que exercia nada menos do que a hegemonia do pensamento humano no planeta.

Até que afinal fôra aceito e aprovado o projecto do homem que é hoje o mais glorioso da Historia e cuja paternidade é disputada por dous seculos. Mr. Armand Candal propunha o se-

guinte : construir uma via-ferrea pela qual se podesse fazer a volta ao globo em 24 horas, quer dizer acompanhando o sol no seu movimento apparente em redor da Terra. Teria, portanto, o comboyo verdadeiramente retempo, de vencer 300 legoas por hora, ou 5 legoas por minuto, ou cerca de 500 metros por segundo. Para isso imaginou Mr. Candal que a linha deveria ser perfeitamente recta... e os obstaculos foram crescendo... Como atravessaria uma successão de cordilheiras? os grandes rios? os lagos? E como venceria a infinitade de accidentes do solo que se apresentam em tantas regiões? Sobretudo o Oceano? como seria elle dominado?

Mas, Mr. Candal já tinha resolvido tudo. Não haveria em terra firme obstaculo que não podesse arredar ou vencer com os poderosos recursos da arte e da sciencia modernas. Nos Oceanos as linhas seriam collocadas sobre boias immensas, cuja base mergulhasse até as profundidades do abysmo, onde mais não reflectissem os movimentos que as tempestades fazem. Ou então, se provocariam erupções submarinas e de espaço a espaço se fariam surgir ilhas artificiaes. A tudo quanto se objectava, Mr. Candal respondia vitoriosamente. Mas uma dificuldade acreditou-se por um momento invencivel. A mechanica parecia contrapor-se ao projecto, declarando que as locomotivas communs não poderiam ultrapassar um certo limite de velocidade, visto como a velocidade é uma resultante do numero de voltas que as rodas locomotoras, de tamanho normal, podem fazer em dado tempo; e que na Europa não se pudera ainda conseguir senão pouco mais de 100 kilometros por hora. E Mr. Candal tinha de conseguir nada menos que 1.800 kilometros!

Mas, o grande sabio não se embaraçou. O problema estava effectivamente resolvido. Para fazer 30 kilometros por minuto, precisava que uma locomotiva desse uma força de 400 giros, fazendo em cada giro 300 metros. Portanto, as rodas locomotoras deviam ter de diametro cerca de 100 metros, para dar uma circumferencia de 300. E então? Não estava tudo pronto?

Mas eis que um outro sabio lembra a Mr. Candal um embaraço que até então lhe não tinha ocorrido :

— E o senhor fará tudo isso com que metal? O ferro.... não é provavel que resista...

Mr. Candal, porém, conseguiu logo um composto muito mais consistente que o ferro. « E alem d'isso — assegurou com uma firmeza digna do mais assombroso Colombo — o ferro mesmo havia de resistir, porque o meu projecto bazeia-se sobre

a sciencia : tudo n'elle é proporcional e nada fiz que tenha de exceder a resistencia especifica do ferro.

Estava, portanto, definitivamente organizado o gigantesco projecto.

Mr. Candal compromettia-se a inaugurar o trasego no dia 1.º de Janeiro de 1904. A linha seguiria a direcção do equador, de forma a poder-se saudar n'esse dia, e sempre ao alvorecer, a todas as nações da terra. O ponto inicial seria Calcutá, junto á terra sagrada, berço das nações. De Calcutá, sempre sob o tro-
pico de Cancer, a linha se desenvolveria para o Occidente, atra-
vessando a peninsula, o golfo de Oman, a Arabia, o mar Vermel-
ho, o Egypto, o Saharah, e sahindo da Africa banhar-se-ia no Atlantico, passando por Havana, Mexico, California, e atirando-se logo ao Grande Oceano, tocando em algumas ilhas, entre as quaes a Formosa, cortando o sul da China, por Cantão, a Indo-
China, e indo dar outra vez a Calcutá.

O grande sabio poz mãos á obra. Levantou capitaes em todas as nações do mundo. Como que atacados de verdadeira loucura, os povos disputavam a primazia no concurso que se prestava áquella obra extraordinaria. Mr. Candal tinha calculado em 900 decilhões de libras as despezas — quer dizer, tanto dinheiro que a população do globo em uma semana não chegaria a contar!

Pois bem : os fundos reunidos e postos á disposição do celebre engenheiro em todos os bancos de todas as grandes capitaes do mundo, subiram a mil vezes 900 decilhões!

O programma da festa colossal já estava feito e espalhado profusamente pelo mundo inteiro. O trem inaugural teria logares para cerca de um milhão de pessoas. Seria formado por mil carros, podendo cada carro conter uns mil passageiros. Cada carro, alem de tudo quanto fosse indispensavel á commodidade e conforto dos hospedes, deveria ter vasto e magnifico restaurante, cheio de iguarias soberbas, de charutos soberanos, e de muito *champagne* e muito *tokai*. No 1.º carro iriam os chefes de todas as nações do mundo com as respectivas familias; os ministros de todo os paizes, os corpos diplomaticos, principes, grandes generaes, celebridades, etc.; no 2.º carro, banqueiros e capitalistas e todos quantos tivessem concorrido para a execu-
ção da obra ; no 3.º todos os jornalistas dos trez Continentes ; no 4.º e 5.º os litteratos, os poetas, os artistas e todo o mundo pen-
sante ; no 6.º, 7.º, 8.º e 9.º os industriaes de todos os paizes ; no 10.º ate o 30.º inclusive, iriam os representantes do commer-
cio ; e assim por diante.

Para o dia da festa inaugural a empreza se obrigava a dar aposentos em Calcuttá, nos proprios carros, mais sumptuosos do que os mais sumptuosos palacios até então conhecidos. Nos ultimos wagões iriam Tesla, Edison e todas as notabilidades electricistas do mundo. N' um d'esses wagões, Edison, auxiliado por 80 de seos mais conspicuos collegas, armaria um grande timpano electrico, sufficiente para reflectir sons naturaes, ou melhor, sons transmittidos por camadas atmosphericas em condições normaes, de uma distancia de mais de 1 500 legoas. Montariam ainda um apparelho que pozesse em communicação todos os carros, de forma que o que se dizesse no ultimo carro ou em qualquer d' elles repercutiria instantaneamente pelos outros todos. Tambem Edison arranjaria, alem de umas lampadas colossaes, cuja luz alcançaria a distancia superior a 1.800 legoas, um porta-voz electrico monstruoso, capaz de transmittir palavras á distancia de mais 900 legoas. Todas as grandes capitaes do mundo encommendaram logo um porta-voz d'estes. Porta-voz simplesmente não é o termo proprio designativo do invento, pois que elle não conduzia apenas a voz articulada — elle augmentava extraordinariamente o som do vocabulo. Imagine-se que uma palavra pronunciada sobre o timpano, em tom normal, faria uma repercussão equivalente ao estampido simultaneo de 100 trovões.

Tudo saharia, pois, condigno do grande seculo.

O sabio director da obra já havia dividido a linha circular em 8.000 secções, de cerca de uma legoa cada secção; e as confiara ás maiores celebridades da engenharia moderna. Em cada secção já trabalhavam operarios de todos os climas, em numero superior a 5 000 em cada uma. Havia, entretanto, umas poucas secções em que o numero de operarios elevava-se a 30.000.

No anno de 1897, a primeira ilha artificial emergio do Grande Oceano. Em menos de seis mezes, nos principios de 1898, tanto sobre o Grande Oceano como sobre o Atlantico, já estavam sendo assentadas as linhas, ocupando-se, para o intersticio das ilhas, as boias enormes que Mr. Candal imaginara. Esas boias eram moveis, e com uma pequena manobra, podiam arredar-se de momento para dar passagem a embarcações.

O mundo, n' uma anciedade febril, esperava o novo seculo, para assistir ao inaudito espectaculo. Novecentas e tantas officinas diversas funcionavam noite e dia, com muitos milhares de operarios. Parecia que as populações do globo haviam affluido para aquella linha, formando v istas do espaço, um formigueiro

colossal e interminavel, n'um bolicio continuo e quasi temeroso, que indicava estar o mundo em vesperas de alguma edade nova.

Afinal, chegava-se aos ultimos dias do anno de 1900 e tudo correspondia ao pensamento de Mr. Candal.

Mr. Armand Candal, digamos de passagem, já não era simplesmente um homem celebre: — era uma especie de enviado de outros mundos, um ente superior, sobrehumano, que tinha vindo á terra desvendar aos homens cousas até então julgadas impossiveis. Elle não podia ter mais residencia permanente, porque as multidões em delirio cercavam-lhe a casa noite e dia, mantendo em torno um movimento incessante e uma formidavel gritaria. Essa loucura crescia com a execucao da obra; e Mr. Candal, nos desesperos da sua gloria, via-se obrigado a mudar continuamente de habitação. Pouco remediava com isso os seos tormentos, pois grande parte das multidões o andava seguindo. O trem no qual elle tomava logar era logo assaltado. Aquelle homem como que perturbava toda a vida do mundo. A um aceno seo, tombaria o czar de todas as Russias; os exercitos se levantariam, ou Londres deixaria de existir. Se elle quizesse mostrar Paris lá nas geleiras da Siberia, bastava que se disporresse a tiritar um dia d'aquelle frio que morde os musculos como um veneno.

Era um homem para quem não havia impossivel na terra. Portodo o mundo se encontravam bustos e retratos de Mr. Candal, aos milhões; e a sua voz, a sua propria voz era ouvida por toda parte até nos sertões da America, nos desertos da Africa, em todas as ilhas da Oceania. Mas, só Mr. Candal não era bem um deos; parece que alguma cousa ainda lhe faltava.

Chegava-se ao fim do anno de 1900, como dissemos. Todas as nações do mundo haviam levantado pavilhões ao longo da linha, e grandes focos electricos com painéis gigantescos representando qualquer facto que caracterizava o pensamento de cada uma ao entrar no novo seculo.

Os carros eram de um luxo nunca visto, mesmo no Oriente.

Em todos elles (de diversos andares) havia infinidade de quadros e estatuas, parecendo verdadeiros e vastos kaleidoscpios, atravez dos quaes poder-se-ia contemplar a historia viva da familia humana.

Estamos no mez de Dezembro de 1900. A cidade de Calcutta, elevada a capital do mundo, augmentara 500 vezes, es-

tendendo-se pelo Hoogly a fóra e subindo as encostas do Himalaya. Ahi estava reunido tudo quanto a arte, a sciencia e a industria teem de mais excellente na terra. Imagine-se o que seria a vida n'aquelle grande centro de cincoenta milhões de habitantes de todos os paizes, falando todas as lingoas, com usos e costumes variadissimos. Foi preciso organizar uma policia especial e estabelecer um regimem extraordinario, de modo a prevenir os incidentes a que se achava exposta uma tão vasta agglomeração de gente.

Havia já trez annos que se preparava a cidade. Todos os principes da Asia e da Europa tinham feito construir alli palacios gigantescos e sumptuosissimos. Como que abraçavam-se n'aquelle monstruosa Babel o Occidente e o Oriente. Em dez novas praças, immensas e regulares (tendo cada uma pelos menos dez vezes a superficie dos Campos Elyseos) havia já monumentos commemorativos d'aquelle assombro que ia abalar o mundo. Uma das estatuas mais imponentes era a de Mr. Candal. O monumento reprezentava-o no instante em que concebera o seo projecto, tendo sobre a fronte uma das mãos e a outra exten-dida, espalmada para a terra, como se quizesse falar ao genero humano.

Durante o mez de Dezembro não passou-se um dia em que não entrassem na cidade-universo cerca de 10.000 visitantes. Desde Novembro se achavam installados em seos aposentos especiaes os chefes de todas as nações, com suas familias e comitivas. Durante um mez e tanto elles não tinham tido tempo de conhecer sequer o que havia de mais notavel em Calcuttá e de liberaram todos ficar mais quinze dias do novo seculo alli, a viver d'aquelle grande vida.

Estamos a 31 de Dezembro. Cerca de 9 mil bandas militares tocam pelas ruas e praças os hymnos de todas as nações. Durante o dia receberam os hospedes telegrammas de todos os pontos do globo e os telephones da cidade, ligados ao telephone monstro da linha-ferrea, de instante a instante repetiam as saudacões de todos os povos.

A noite derradeira do seculo moribundo passou-se como se passara o dia. Viveo-se em Calcuttá como se se tivera sol. No alto do Gaozizankar uma poderosa lampada electrica illuminava quasi todo o sul do Continente. A luz d' essa lampada parecia mais brilhante que a do proprio sol. Para todos os pontos do horizonte observavam-se signaes do que se passava no mundo :

vastas colorações pelo ceo. Jactos de luz de diversas cores espadanando sobre o espaço, como que em busca das estrellas. Houve muitos sabios que julgaram ter notado phenomenos extraordinarios no firmamento e muita gente affirmava que durante a noite da agonia por diversas vezes ouvira-se um rouquido cavo e profundissimo, um como estertor longo e formidavel acompanhado de um certo estremecimento da terra. Fóra de duvida era o seculo velho que expirava.

A's 10 horas da noite começou o trabalho de acommodamento dos passageiros, e quem poude contemplou então o spectaculo mais estupendo que até aquelle dia se passara na terra: aquela linha immensa de 1.000 carros, gigantescos, mais elevados e mais vastos do que os mais vastos e elevados palacios até então conhecidos, enchia-se da humanidade! De uma torre muito alta junto aos edificios da estação um immenso relogio electrico dava conta dos minutos e uma voz trasmittia a muitos kilometros de distancia as instruções que regulavam a ordem do serviço.

A's 5 horas da manhan tudo estava prompto. A humanidade tiritava de entusiasmo e de assombro, encerrada n'aquelles edificios monstruosos que iam vencer o sol.

A's 6 em ponto, do dia 1º de Janeiro de 1901, a humanidade estremecio com a terra, ouvindo um estampido colossal e longo como um desabamento de mundos: era o signal da partida. Meia hora depois, aquelle comboyo sobrenatural ia vencendo o espaço com a vertigem do relampago. E o timpano Edison ia espalhando pelos ares esta voz temerosa: *Ahi vem! Ahi vem o sol! Ahi vem o sol do seculo XX!*

No centro da Arabia ficava uma estação. Logo que o trem parou, o timpano repetio aquellas palavras augustas. E dos diversos porta-vozes situados a certa distancia da linha, em Teheran, no antigo local de Babylonia, em Jerusalem etc., vinha de instante a instante esta voz repetida como um echo de palavra pronunciada no infinito: *Salve!* Em quanto o timpano mandava ainda para mais longe: *Salve! A humanidade a todos os mundos!*

Esquecia-nos dizer que logo que o comboyo parou na primeira estação, do primeiro carro, onde iam os chefes de estado de todo o mundo, veio esta supplica: *Suas Magestades pedem a Mr. Candal* (pois o proprio sabio ia na 1ª locomotiva) *que não empregue toda a força das machinas nos signaes. SS. Magestades vão tiritando de medo.* De facto, quando a locomotiva mestra deu signal de partida, muitos reis tiveram syncopes e

quasi todos chegaram estonteados á primeira estação. Os coitinhos ! Elles nunca tinham tido occasião de sentir tão bem como n'aquelle momento quanto a pobre magestade d'elles andava supplantada por aquella outra magestade formidavel do genero humano !

Mas, imagine-se que o vapor despendido com aquelle sibilo seria sufficiente para dar uma força capaz de deslocar a terra. Se se podesse abranger o Continente Europeo n'un annel de ferro, a força d'esse vapor conseguiria arrastar aquelle Continente desligando-o das camadas internas, mesmo que fossem todas formadas de rochas vivas.

Da Arabia, o trem proseguio sempre ás 6 da manhan e ás 5 e 3/4 parava na estação do Saharah. Tudo se fizera como na primeira estação. Logo que o comboyo parou, ouvio-se um *Salve !* vindo do sul : era a Africa barbara que já tinha alma para uma saudação immensa, partida de Tomboucktou. Na estação do Saharah o espectaculo tornou-se inimaginavel. De Pariz, passando por infinidade de captaes, já se achava construida uma via-ferrea commum, até a estação do Saharah, onde em menos de douos annos já se tinha formado uma cidade que contava seguramente uma populaçao 3 ou 4 vezes maior que a de Londres. Parecia que a humanidade dezertava as outras zonas da terra, affluindo para aquella linha interminavel em que se concentrava a vitalidade do planeta.

A's 6 horas partio o comboyo da estação do Saharah. Mr. Candal notou logo que poderia adiantar-se muito do sol, se quizesse dar mais um pouco da força media das machinas. Foi o que fez, de modo a ter mais tempo nas estações.

Um dos espectaculos mais sorprehendentes da jornada foi certamente o que offereceo a estação do Atlantico. Mr. Candal tinha imaginado uma cousa mais que feerica, uma verdadeira illusão olympica. A cidade era toda fluctuante. Haviam sido construidos trez mil e tantos palacios, numerosas torres e minaretes, erguendo-se n'uma grande praça a estatua colossal de Colombo, rodeada de um sem-numero de estatuas menores representando todos os navegantes celebres. Agora accrescente-se que no dia da festa achavam-se ancorados em torno da cidade de Atlantida as esquadras de todo o mundo, em numero de per-to de 4000 navios, além de mais 35000 navios mercantes. No momento em que o comboyo parou, as esquadras todas salva-

ram, a humanidade estremeceo e o timpano Edison chamou para o orbe : *A todos os mundos !*

O trem chegara ás 5 e meia á estação de Atlantida, tendo-se adiantado portanto um quarto de hora. Nas estações de Havana e do Mexico, os Estados Unidos, o Mexico e a republica de Cuba tinham preparado festas maravilhosas. Ahi brilhou a electricidade ainda.

A assim se fez a volta ao mundo em 21 horas. Mr. Candal havia graduado a força das locomotivas de forma a chegar á Calcutá exactamente ás 6 da manhan, antes que o sol apparecesse.

Tambem a humanidade offegava : parecia exausta. Um phenomeno estranho notou-se em muitos dos viajantes: a desfiguração espantosa das physionomias. Muitos estavam encaneidos. E' que as emoções d'aquella jornada valeram pelas emoções de muitas vidas. Aqueles organismos não tinham mais fibras para sentir.

Alem do grande comboyo inaugural, partiram de Calcutá outros muitos, de hora em hora. Isto é o que se podia chamar verdadeiramente o triumpho definitivo do homem na terra.

Tambem, em menos de 6 mezes, de todas as latitudes havia linhas ferreas convergindo para as diversas estações da linha circular. Mr. Candal estabeleceo para o serviço ordinario cinco trens : dois expressos, partindo um á meia noite e chegando ás estações sempre ás 11 e um quarto ; e outro, ao meio dia chegando sempre ás 14 e um quarto ; e trez mixtos, partindo ás 6, ás 11 da manhã e ás 4 da tarde e chegando ás estações meia hora antes.

Estava, pois, inaugurada a estrada de ferro em torno do globo... ou antes estava inaugurado o seculo XX.

Coritiba, 31 de Janeiro de 1901.

ROCHA POMBO.



AS FESTAS A N. S. DO PILAR, EM ANTONINA

Faziam-se a 15 de Agosto. Antes, alguns mezes antes da folia religiosa, os romeiros de todas as localidades da Província e do sul de S. Paulo e suéste de Santa Catharina, preparavam-se para a jornada.

No interior da Província, o caboclo sem recursos para ir por si e pelos seos *cumprir a sua promessa*, feita para com a virgem que lhe curára o filho ou a *potranca*, — ia pedir ao compadre ou ao inspector do quarteirão, o favor de levar ao conhecimento da padroeira da Capella os seos protestos de eterno reconhecimento.

E como não ser assim, se Ella o protegera sempre tão carinhosamente ; se a sua familia encontrara sempre para a proteger a incomparavel blandicia do seo olhar e o affago protector do seo manto azul de ceo !...

E por isso o caboclo, por longos dias internava-se nas selvas, machado ao hombro, e ia derribar a altaiva *gabirobeira* para roubar-lhe o *inchú*, que lhe devia fornecer a cêra para a vela que sua mulher, a defunta Nha Chica Tiburcia, promettèra á Sancta antes de morrer ; ou para o cumprimento de uma *promessa* da filha mais velha, que quasi morreo de mao olhado.

Approxima-se o dia, e com elle a animação sóbe no thermometro da fé religiosa do povo, credulo por instincto, por habito... por necessidade talvez !...

As alimarias trotam, de todas as direcções, conduzindo o rude burguez das villas da Província, o camponio apatacado e crente.

De Iguape, Cananéa e Guarakessaba, canoas rastejavam á flòr das agoas do Atlantico, em demanda da moderna Jerusalém,— então o centro director da crença paranaense.

Antonina, então, remontava-se a 1714, anno em que teve começo. E a encarquilhada capellinha do Sargento-Mór Manoel do Valle Porto, na fazenda da Graciosa, velava por elles, velava por todos sob a invocação da Virgem Mãe,— o insolvel dogma do Catholicismo !...

Guardava-os, a todos, a Senhora do Pilar !...

Deos, como elles eram felizes !...

Depois, em honra a D. Antonio, de Portugal, passou em 1797 a modesta Graciosa a denominar-se Antonina.

15 de Agosto, — Dia Sancto. O cannivial e o cafesal que esperem ; primeiro a festa.

Que seria delles, Senhora, se Vós não acalmasseis a secca no estio e as chuvaradas no hinverno !...

Tudo vos deviam. Era, pois, justa a sua homenagem.

E o povo psalmodeava, com sua rude sinceridade, os hymnos os mais festivos em honra á padroeira ; a saia balão e os requintes melhores da moda exhibiam-se faustosamente.

A alma da Providencia toda pulsava alli.

De dia, os sinos atroavam os ares com toda a força dos seos pulmões de bronze ; á tarde a *Cavalhada*, com a flòr da gente Antoninense, phantasiada no gosto o mais requintado, floreava nobremente ; á noite, os fógos de artificio e as ceias lautas completavam a festa.

Tudo isso se foi !... Foi-se para sempre !...

Entretanto, Antonina, pelo espirito altivo de seos filhos, hade ainda vir a ser o que já foi : — prospera e feliz.

E' que ella tem ainda uma Crença n'alma : — o Trabalho.

ROMARIO MARTINS.

